O PERFIL DA MULHER COMO ESPOSA NOS CONTOS DE KATE CHOPIN.

Liliane S. de Oliveira Morais[1]
Elis Regina Fernandes Alves[2]

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o comportamento da esposa, representado por três personagens dos contos de Kate Chopin: Madame Célestin do conto *Madame Célestin's Divorce,* Mrs. Baroda do conto *A respecbatble Woman* e Calixta do conto *The Storm*. Para tanto, descreve-se o papel da mulher na sociedade, além do contexto histórico sobre o feminismo, e a busca por igualdade entre os sexos dentro dos mais diversos contextos sociais de forma geral, e o papel da mulher na literatura, dentro do contexto do feminismo literário, verificando a evolução da mulher como escritora e como personagem e suas representações dentro da literatura. As análises revelam três personagens, esposas, agindo distintamente. Enquanto Madame Célestin não consegue ir avante à ideia de divorciar-se, permanecendo presa às amarras sociais de sua época, Mrs. Baroda atinge outro grau de maturidade e, embora não traia o marido, planeja fazê-lo e satisfazer seu desejo. Já Calixta consegue satisfazer seu desejo sexual e rende-se à infidelidade conjugal, sem ser punida ou sentir-se culpada.

Palavras-chave: Esposa, feminismo literário, Kate Chopin.

Abstract: This article analyzes wife's behavior, presented in three characters of Kate Chopin's short stories: Madame Célestin, from *Madame Célestin's Divorce,* Mrs. Baroda, from *A respecbatble Woman* and Calixta, from *The Storm.* It is described woman's role in society, besides the historical context about feminism and the search for equality in the various social contexts and woman's role in literature, in the literary feminism, analyzing woman's evolution as writer and as character and her representation in literature. The analysis reveals three characters who are wives acting in different ways. Madame Célestin cannot divorce, because she is still tied to social rules of her time. Mrs. Baroda can be seen in another maturity level, because although she did not betray her husband, she feels like satisfying her desires in another moment. Calixta satisfied her sexual desire, betraying her husband, with no punishment or guilt.

Keywords: Wife, literary feminism, Kate Chopin.

1. INTRODUÇÃO

É sabido que as diferenças entre homens e mulheres ainda estão ligadas ao gênero, ao trabalho, ao poder e ao sexismo na sociedade. Nesse aspecto, tanto as mulheres como os homens ocupam os mais diferentes papéis, que por sua vez, se constituem um conjunto de relações que podem servir como objeto de investigação nas mais diversas áreas do conhecimento como a sociologia, a antropologia, a psicologia, as artes em geral, entre outras.

Uma das áreas que estuda os papéis ocupados pelas mulheres é o feminismo, que se estende a diversos aspectos envolvendo a condição feminina em variados campos. O

[1] Acadêmica do 8º Período do curso de Letras – Língua Portuguesa e Língua Inglesa pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM.
[2] Professora orientadora do Artigo.

feminismo é um movimento que luta para que a mulher possa adquirir direitos, visando à mudança de conceitos relacionais entre homem e mulher, focalizando a "liberdade" e a igualdade entre os sexos que se estabeleceram em diferentes épocas, tempos e sociedades. E dentro desse movimento surge o feminismo literário que ampliou o olhar da sociedade sobre a mulher, mostrando que ela podia sair de sua posição considerada "inferior" e ir à busca da posição de igualdade e que, nessa caminhada no meio da literatura, foi possível mudar a forma de escrita e leitura de textos literários.

O objetivo deste trabalho é realizar uma análise sobre o comportamento da mulher como esposa, utilizando três contos de Kate Chopin, *Madame Célestin's Divorce, A respectable Woman* e *The Storm*, nos quais as protagonistas representam mulheres em três situações diferentes. A primeira luta pelo divórcio; a segunda luta contra o desejo sexual fora do casamento; a terceira rende-se à infidelidade conjugal. Busca-se verificar como agem tais esposas dentro de uma sociedade sexista. Para tanto, realiza-se um levantamento teórico do papel da mulher na sociedade patriarcal desde os primeiros séculos até os dias atuais, bem como a discussão sobre o movimento feminista na literatura, seu foco, sua história, suas conquistas.

Este trabalho é de abordagem qualitativa e bibliográfica, e os aspectos conceituais e analíticos do feminismo serão baseados nos teóricos Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980), Bonnici (2007), Michel (1982), Zolin (2003), Woolf (2012) entre outros.

2. O PAPEL DA ESPOSA NA SOCIEDADE

"O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser". (BEAUVOIR, 1980, p. 165). Nessa fala de Beauvoir, podemos considerar que o casamento sempre foi algo primordial na vida da mulher. Na sociedade patriarcal, que existe desde os primórdios, para as moças "o matrimônio representava um salvo-conduto que as libertava da autoridade paterna" (FIUZA, s.d. p. 48), ou seja, para qualquer mulher o casamento sempre pareceu ser um ato de libertação e também uma maneira de não ser mal vista. Porém, manipulada pelo homem, "toda mulher tinha que casar", pois só assim poderia ter algum valor. Dessa maneira:

> [...] o casamento não é apenas uma carreira honrosa e menos cansativa do que muitas outras: só ele permite à mulher atingir a sua dignidade social integral e

> realizar-se sexualmente como amante e mãe. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestigio viril está longe de ter apagado: assenta ainda em sólidas bases econômicas e sociais. (BEAUVOIR, 1980, p.67)

Com essa concepção, as sociedades, quase sempre patriarcais, instituíram uma filosofia de que a mulher foi moldada para uma única função e que segundo Beauvoir (1980) "a mulher está votada à perpetuação da espécie e à manutenção do lar, isto é, à imanência" (p.169) e, para que tal função se concretizasse, era preciso se submeter ao casamento como forma de integrar-se aos modelos impostos como corretos.

O regime do patriarcalismo configura a mulher como um ser passivo, submisso, o que ocasiona, na maioria das vezes, a definição de um ser sem voz, cabendo aos homens decidir seu futuro, impossibilitada de agir independentemente e sempre à margem da figura masculina. Com isso, em relação ao casamento, o pai era quem decidia sobre a vida de suas filhas: "O casamento era um acordo que ligava dois homens: o pai da mulher e o marido" (FIUZA, s.d. p.29) dessa forma não havia como a mulher ter sua liberdade de escolha, começando assim a ser rotulada apenas como a "genitora", destacando o pensamento masculino quanto à relação conjugal:

> Casava-se, acima de tudo, para ter filhos. "Se pudéssemos viver sem as mulheres, nós dispensaríamos de boa vontade esse fardo. Mas como a natureza quis que não pudéssemos viver tranquilamente com elas, nem viver sem elas, é preciso que cuidemos da conservação da raça antes de buscar prazeres de curta duração". A declaração é de um magistrado, o censor Q. Cecílio Metelo Macedônico, faz parte de um discurso proferido em 131 a.C. (FIUZA, s.d. p. 30)

Com esse pensamento, pode-se refletir a real condição da mulher como esposa nas sociedades antigas. Por muito tempo, quando as sociedades começavam a se desenvolver, a discriminação contra a mulher só crescia. E no que diz respeito à educação a mulher era privada de ter qualquer tipo de conhecimento, a não ser o de ser boa esposa. E segundo Michel (1982), "a mulher casada torna-se uma incapaz e todos os atos que ela fizer sem estar autorizada pelo marido ou pela justiça serão nulos". (p. 34).

Cabia à mulher ser educada para agir somente no espaço doméstico e com isso então, "a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos como produzia tudo aquilo que era diretamente ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação." (ALVES & PITANGUY, 1985, p. 11). Ou seja, tudo relacionado ao lar era ensinado à mulher, seguindo as regras do sistema patriarcal em que seu destino era a procriação. Tinham que serem "boas" esposas e "boas" mães e, com isso, a sua imagem era de fragilidade, estando ela propensa à

passividade, à submissão, à docilidade, à meiguice. Michel (1982) registra que papel da mulher no século XVI deveria ser um modelo de virtude, cuidando com muita atenção somente a sua família, negando, assim, o direito à vida social e pública.

A história registra que o casamento foi um meio de negociação pelo qual participava tanto a família como a própria mulher, que julgava que em se casando, poderia se libertar. Porém, essa ideia de libertação através do casamento não passava de um mito, pois a mulher só trocava de senhor. "A mulher, em se casando, recebe como feudo uma parcela do mundo; garantias legais protegem-na contra os caprichos do homem; mas ela torna-se vassala dele". (BEAUVOIR, 1980, p. 169). Ainda no século XVI, segundo Beauvoir (1980,p. 209), "a situação da esposa é muito mais ingrata do que outrora, porque ela tem ainda os mesmos deveres, mas não os mesmos direitos; tem as mesmas tarefas sem tirar delas recompensa nem honra", o que a torna um ser desprotegido contra as imposições do marido e da sociedade.

Passando para o século XVII, as concepções sobre a imagem da mulher são reforçadas e ainda divulgadas como ser sem vontade própria, guardiã dos costumes e disposta a servir o homem. Porém, cansada dos mandos e desmandos, humilhações, submissão e enclausuramentos por parte dos homens, a mulher desse século procura lutar por seus direitos e aos poucos vai consolidando sua liberdade. E segundo Michel (1982), tanto "na nobreza ou na alta burguesia, houve mulheres que não aceitavam a limitação de seus papéis. Muitas animavam os salões literários e outras participavam de lutas políticas" (p. 41), conseguindo assim se firmar no âmbito artístico e social.

Em relação ao casamento, alguns teóricos argumentam que surge nessa mesma época, e também iniciando o século XVIII, um novo tipo de casamento baseado no amor e na reciprocidade conjugal, em que o casal se aceita e se relaciona de maneira amigável, fazendo suas próprias escolhas. Historicamente, entre a idade da Renascença e a Idade Moderna houve diversas mudanças no meio conjugal e também na ótica social e religiosa, uma vez que, a igreja colaborou na construção dos conceitos que oprimiam a mulher não só como esposa, mas como ser humano. Pois, na visão religiosa, o casamento era um sacramento em que o casal e seu relacionamento passavam a ser selado pela benção divina, ou seja, era algo feito por um juramento perante Deus.

Cronologicamente, segundo Michel (1982), é a partir do século XIX que a mulher começa a lutar por uma forma de ser bem aceita dentro da própria família, assim como também dentro do meio social. Então, a partir do movimento feminista, que começou com a Revolução Industrial, ela desperta para uma mudança em todos os aspectos de sua vida,

principalmente no lado profissional, em que passa a competir com o homem visando igualdade de direitos. Então, desse modo, no que diz respeito ao relacionamento conjugal, este passa a ser aceito, em alguns pequenos casos, através da escolha de ambos os sexos e não mais pela obrigatoriedade. Neste sentido, a mulher no século XIX é tida como revolucionária e inovadora, porque passou a querer ter identidade própria, tentando desvencilhar o preconceito contra o seu sexo, começando a ser integrada como um ser ativo na sociedade. É preciso ressaltar que isso acontecia com uma pequena parcela da sociedade burguesa ou de classe alta, pois a mulher de classe baixa, economicamente, não tinha espaço na sociedade para lutar por direitos.

Como esposa, ainda com resquício da sociedade patriarcal, a evolução da mulher é lenta, porém ela "não se acha mais confinada na sua função de reprodutora" (BEAUVOIR, 1980, p.165) e sim como parte, de certa forma, atuante na sociedade. Nesse caso, o século XIX é marcante no contexto histórico da mulher, pois é um período de grandes mudanças e transformações na cultura, na sociedade e no discurso machista de uma época repressora que por muito tempo reprimiu a mulher. Segundo Virginia Woolf (2012, p. 40), "o século XVII gerou um maior número de mulheres notáveis do que no século XVI, o século XVIII mais do que o século XVII, e o século XIX mais do que os três somados juntos". Ou seja, é um século que desencadeou uma série de acontecimentos em favor dos direitos da mulher, dentre eles a luta contra a discriminação, o direito ao voto e à educação. Surgem, também, novos debates sobre a inserção da mulher no campo cultural, político e social no sentido de fazer crer que ela, assim como o homem, podia ter os mesmos direitos e dessa forma conseguir sua emancipação.

Dentro desse contexto, um tópico relevante no discurso sobre a luta da mulher por sua liberdade é a sexualidade. É um assunto que desde os primórdios eleva à mulher a categoria de submissa. O seu corpo, o seu sexo fora por muito tempo e ainda hoje o é tido como propriedade e objeto de satisfação, prazer, controle e reprodução. Foram e são usadas, negociadas como mercadorias e até mesmo "emprestadas", como no caso das mulheres romanas em que "trocar de mulher era tão comum que alguns homens romanos emprestavam suas esposas, irmãs e filhas a terceiros." (FIUZA s.d. p. 31).

No caso das esposas que cometiam adultério, para fugir da condenação preferiam "registrar-se como prostitutas", o que não as particularizavam das mulheres solteiras e virgens, porque acabavam por ser usadas, sexualmente falando, sem direito a nada e nem

mesmo ao seu próprio corpo, pois este também era manipulado pelo homem, como ressaltam Alves e Pitanguy:

> A virgindade, a castidade, a passividade sexual, a carga de tabus e preconceitos, constituem os principais elementos socializadores da sexualidade feminina. Vê-se esta ainda submetida a orientações governamentais, que decidem sobre o corpo da mulher, restringindo ou expandindo a sua reprodução através de políticas demográficas. (1985, p. 60)

Mas, como a história é dinâmica, os valores e os discursos vão se alterando e, no século XIX, amplia-se o discurso voltado aos direitos das mulheres, o advento dos movimentos feministas cresceu de forma abrangente, dando oportunidade à integração social da mulher.

3. O FEMINISMO E AS MUDANÇAS DOS CONCEITOS SOBRE A MULHER

As leituras feitas sobre o feminismo nos mostram que os padrões patriarcais foram sendo quebrados aos poucos e que as mulheres começaram a ganhar força nas várias manifestações que pelas quais visavam igualdades, de modo a inferir na sociedade o seu valor. Segundo o dicionário Aurélio "feminismo" é o movimento favorável à equiparação dos direitos civis e políticos da mulher aos do homem. Para Bonnici (2007, p. 86), "o feminismo poderá ser definido como uma crença e convicção na igualdade sexual acoplada ao compromisso de erradicar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade".

Observamos que há algumas definições sobre o conceito do feminismo, mas, de acordo com Alves e Pitanguy (1985),

> [...] é difícil estabelecer uma definição precisa do que seja o feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, certezas e incertezas.
> [...] caracteriza-se pela auto-organização das mulheres em suas múltiplas frentes, assim como em grupos pequenos, onde se expressam as vivências próprias de cada mulher e onde se fortalece a solidariedade. (p.07-09).

Apesar de possuir várias definições, o feminismo enquanto movimento se destacou pelo fato de instaurar direitos igualitários entre o homem e a mulher. "O feminismo busca repensar e recriar a identidade de sexo sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que adaptar-se a modelos hierarquizados, e onde as qualidades "femininas" ou "masculinas" sejam atributos do ser humano em sua globalidade". (ALVES & PITANGUY, 1985, p.09).

Pesquisadores apontam que os primeiros movimentos feministas iniciaram-se na França em meados do século XIX, ganhando mais força e sendo melhor organizado nos Estados Unidos no século XX. Expandiu-se pelo ocidente promovendo conceitos de tornar livres as massas femininas, emancipando-as e também as deixando em pé de igualdade com o sexo oposto. Procurou também ir além das manifestações promovidas pelas mulheres no contexto de igualdade, realçando a independência da mulher.

Espalhando-se pelo mundo, os movimentos feministas mostraram e ainda mostram até hoje as lutas das mulheres contra a desigualdade e distinção dos sexos em vários países. E nessa perspectiva, Michel (1982) contextualiza várias situações que demonstram um pouco a determinação de mulheres que foram em busca de sua identidade e participação nas atividades sociais a que somente os homens tinham acesso. Entre eles podemos destacar:

> A luta das mulheres soviéticas para defender seu território contra a invasão nazista; Na França, três mulheres mortas por sua participação na Resistência, a comunista Daniele Casanova, a cristã Berthie Albrecht, a socialista Suzanne Buisson, simbolizam o heroísmo na Resistência de milhares de francesas, pertencentes a todos os credos políticos ou religiosos; Na Itália, as mulheres que lutaram contra o fascismo foram tão numerosas quanto nos outros países; Na Espanha, milhares de mulheres (as mais conhecidas são Eva Forest e Lydia Falcone) participaram da luta contra o franquismo; na Inglaterra e nos Estados Unidos, foi graças às mulheres mobilizadas para produzir nas indústrias de armamentos que os homens puderam lutar nas mais longínquas frentes. (MICHEL, 1982, p. 76-77)

Como podemos ver, há vários fatos que provam que as mulheres conseguiram mostrar seu poder de luta mostrando ao mundo que podiam ser sujeitos ativos diante das sociedades que lhes inferiorizavam, contribuindo na trajetória histórica da busca por direitos tanto individuais quanto coletivos.

De acordo com Michel (1982, p. 97) “a história das mulheres é antes de tudo a história da instalação de sua repressão e da ocultação desta”, assim como é também a história da luta para destruir a imagem negativa que os homens criaram para dizer que a mulher era um ser frágil. Porém, segundo Beauvoir (1980, p. 291), “uma mulher torna-se plenamente humana quando tem oportunidade de se dedicar ao exercício de atividades públicas e quando pode ser útil à sociedade” e essa é uma das bases importantes do movimento feminista, pois mostra que a mulher não é só útil dentro do ambiente doméstico, mas que sua dedicação e utilidade perpassam todos os meios nos quais está inserida.

A partir da concepção de que a mulher deve ser reconhecida socialmente é que notamos o valor que o movimento feminista teve, pois segundo Zolin (2003a, p. 163):

> Seja como for, mesmo que se entenda que o feminismo esteja restrito aos últimos dois ou três séculos, trata-se de um movimento político bastante amplo que, alicerçado na crença de que, consciente e coletivamente, as mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social, abarca desde reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função legal etc., até uma teoria feminista acadêmica, voltada para reformas relacionadas ao modo de ler o texto literário.

Nesse aspecto, notamos então que foi através das reivindicações feministas propagadas pelas mulheres que foi permitida sua inclusão na sociedade. Assim, podemos considerar que o feminismo foi um movimento que mobilizou, em muitos países, a luta das mulheres por direitos iguais aos dos homens. E que dentro de seu caráter transgressor, as feministas puderam se juntar às inúmeras revoltas para reivindicá-los com capacidades de desenvolver educativamente e profissionalmente suas atividades fora dos trabalhos do lar. E dentre suas reivindicações, está a inclusão no meio literário, pois a literatura, onde a inserção da mulher foi por muito tempo bloqueada, veio como fonte para elucidar e propagar seu valor como ser humano, podendo assim equiparar-se ao homem social e intelectualmente.

3.1 O FEMINISMO LITERÁRIO

Como já foi dito, o feminismo surgiu como uma forma política de dar voz e vez à mulher, operando abruptamente em cima das questões sobre sua posição na sociedade, seu papel como dona de casa, mãe e trabalhadora. O papel da mulher como profissional sempre foi o mais perseguido pelo homem, pois ele queria que a sociedade não desse espaço para a mulher desenvolver seu potencial.

Mas, uma dessas conquistas foi o ingresso no meio literário, ao qual a mulher se destacou muito bem, após anos de lutas. A literatura, enquanto reflexo ficcional da História, também representava a mulher subordinada ao olhar do homem. Os escritos masculinos, assim como a escrita feminina, até início do século XX eram, quase sempre, marcados pela visão, desejos e perspectivas das classes dominantes, a saber, masculinas.

Até meados do século XV a educação para a mulher não era aceita. Era tida como sem importância, pois na concepção masculina, ela não precisava saber mais nada além dos afazeres domésticos, pois, mantendo-as desse jeito, elas não ameaçariam a supremacia da classe dominante.

Mas, com o fortalecimento dos trabalhos que o movimento feminista propagava, até o fim do século XVIII, várias mulheres conseguiram se destacar em muitos postos de

trabalhos, os quais somente os homens ocupavam, dentre eles, cargos políticos. “Outras se destacaram e se tornaram conhecidas nas artes (Rosa Bonheur na França, Edmonia Lewis nos Estados Unidos), na literatura (George Sand na França, George Eliot na Inglaterra), nas matemáticas (Sophie Germain, Mary Someville e Sonya Kovalesky), entre outras”. (ALVES & PITANGUY, p. 64) e algumas ainda atuavam como chefe em suas famílias, desmistificando de uma vez a ideia de que a mulher não podia assumir papéis de comando dentro de sua própria casa e também da sociedade.

Feita esta explanação, falaremos precisamente da inclusão da mulher na literatura, porque de acordo com Virginia Woolf “as mulheres deram certo como escritoras, antes de dar certo nas outras profissões”. (2012, p. 10). Nesse caso é valido ressaltar que antes da inserção da mulher nesse meio, pesquisas apontam que há muito tempo a produção literária era ofício exclusivo dos homens, haja vista a escrita feminina ser quase nula. Segundo Zolin “a mulher não aparecia no cânone tradicional, já que este sempre foi constituído pelo homem branco, ocidental de classe média/alta, regulado por uma ideologia que excluía os escritos das mulheres”. (ZOLIN, 2003b, p. 253).

Mas, para quebrar esse paradigma surge então, segundo Bonnici (2007), a crítica literária feminista, que teve início em 1970 de forma sistematizada com a publicação do livro *Sexual politics* (*A Política Sexual*) de Kate Millett, obra esta que questiona a posição das personagens femininas dos romances escritos por homens, nos quais elas eram marginalizadas e totalmente passivas.

Segundo Bonnici “a finalidade da crítica literária e da leitura feminista é focalizar a constituição do estilo, da imagística e das características do patriarcalismo numa determinada obra”. (2007, p. 49). Ou seja, é possível destacar dentro dessa crítica uma promoção, reavaliação e também uma redescoberta da escrita de autoria feminina, pois a mulher enquanto autora e também como leitora deveria questionar as ideias que alguns romances escritos por homens traziam a seu respeito, tentando desfazer a figura negativa que a esfera patriarcal havia imposto.

Virginia Woolf, uma das primeiras grandes feministas, entende que o homem enquanto escritor não poderia relatar situações do meio feminino sem que soubesse o que é ser “mulher”: “Duvido que alguém possa saber, enquanto ela não se expressar em todas as artes e profissões abertas às capacidades humanas” (2012, p. 14). E como o homem não sabia da real vivência da mulher, acabava retratando apenas o que imaginava. Dessa forma, dentro da crítica literária, homens e mulheres demonstrariam o universo de maneiras diferentes,

sendo a “escrita masculina” produzida de maneira enviesada, enquanto que na “escrita feminina” as demonstrações das sensações e atitudes de uma mulher soariam bem mais reais.

Com isso, a crítica literária pôs em foco uma enorme pesquisa a respeito dos romances de autoria feminina, descobrindo assim, que muitas delas já escreviam, porém sob pseudônimos masculinos e que já lutavam para saírem da escrita marginal em busca da posição central no meio literário. Destacam-se nesse meio: “George Eliot, pseudônimo da inglesa Mary Ann Evans, autora de *The Mill on the floss e de Middlemarch*; de George Sand, pseudônimo da francesa Armandine Aurore Lucile Dupin, autora de *Valentine”*. (ZOLIN, 2003a, p. 165).

Com isso, já no século XX, a escrita feminina ganha destaque tendo Virginia Woolf como uma “importante precursora da crítica feminista”, (ZOLIN, 2003a, p. 165) e que passa a levar todo seu conhecimento a respeito da mulher na literatura. Segundo Woolf (2012), a profissão literária é:

> A profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres, menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres. Pois o caminho foi aberto muitos anos atrás – por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Martineau, Jane Austen, George Eliot -; muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, ampliando o terreno e orientando meus passos. Então, quando comecei a escrever, eram pouquíssimos os obstáculos concretos em meu caminho. (2012, p. 10)

Virginia Woolf, enquanto escritora e mulher estava invadindo uma das áreas que, embora dominada pelos homens, não deixou de ser paulatinamente dominada também pelas mulheres e mesmo não sendo fácil ocupar este espaço, muitas mulheres decidiram ingressar na literatura de modo a querer desvencilhar uma imagem protagonizada de seres emudecidos, como eram retratadas pela maioria dos autores masculinos em suas obras.

Dessa forma, em sua obra *A Room of One’s Own* (1929), traduzido para o português como *Um teto todo seu*, ela “aborda o modo como às circunstâncias atuam sobre o trabalho da mulher escritora e questões relativas à sua sujeição intelectual.” (ZOLIN, 2003a, p. 166). Woolf deflagra diante da sociedade machista todo o potencial feminino no meio literário, dizendo que a mulher precisava de um teto todo seu, ou seja, de um espaço todo seu para escrever, da liberdade para expor suas ideias e que, segundo a escritora,:

> Não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. As mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões com liberdade e franqueza; se querem se dar bem, elas precisam agradar, precisam conciliar, precisam – falando sem rodeios – mentir. (WOOLF, 2012 p. 13)

E dentro desse discurso, Woolf mostra a indignação da mulher falando claramente da opressão em que esta viveu desde sempre, quando o sexo oposto lhe impôs a condição de ser inferior, submissa, incapaz, sem ideologia e sem força.

Outra autora que vem em auxílio da causa feminista é Simone de Beauvoir, escritora francesa, também do século XX. O ponto crucial do seu trabalho é a questão do gênero, pelo qual o homem sempre oprimiu a mulher e também no que diz respeito ao fator biológico, pois o fato da mulher ser "mulher" causava na sociedade machista um repúdio ao seu sexo. Sua obra "O Segundo sexo" de 1949, destaca a situação feminina diante da sociedade. Beauvoir encara "a relação entre sexos, qual seja, a mulher sempre como escrava (O outro) e o homem sempre como senhor" (ZOLIN, 2003a, p. 167) e dentro dessa visão, ela dá todo seu apoio ao movimento feminista, fazendo com que a sociedade enxergasse a mulher como cidadã e parte integrante atuante tal qual era o homem.

> Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino. (BEAUVOIR, 1980, p.09)

A partir de tal posição, o discurso feminista de Beauvoir se fortaleceu na questão do existencialismo, envolvendo discussões sexistas nas quais a mulher era privada de exercer outras funções apenas porque era "mulher". E essa concepção foi sendo rompida com o trabalho fora do ambiente doméstico, em que muitas mulheres passaram a assumir, conseguindo assim sair detrás da figura masculina, passando a trilhar seu caminho com seus próprios passos.

Elaine Showalter é mais uma das autoras que impulsionou o movimento feminista na literatura. Foi criadora da "ginocrítica", estudo que examina as obras de a autoria feminina e a masculina "[...] na linguagem, no enredo (personagens ou enredo arquétipos), nos temas (as ideias e as inquietações divididas pelas escritoras), no uso de metáforas ou de imagens." Zolin (2003a, p. 172).

Ou seja, para Showalter, o mais importante neste estudo em que as mulheres atingem sua autonomia na literatura, não era o de se ater apenas à análise da escrita masculina e sim o de aproveitar a escrita feminina e mostrar o quanto suas obras estavam se tornando proveitosas, ricas e dignas de análise. Zolin afirma que para Showalter a ginocrítica é "instrumento capaz de possibilitar o conhecimento de algo sólido, duradouro e real sobre a relação da mulher com a cultura literária". (2003a, p. 172).

Assim, com as influências dessas autoras e seu pensamento crítico sobre a escrita feminina e a representação literária da mulher, tem-se que no meio literário a mulher passa para um plano de propagação intelectual, pois a literatura foi um meio que veiculou e elucidou a condição da mulher como sujeito capaz de acreditar que há diferença entre os escritos femininos e masculinos e que não permanece somente na linguagem, mas nos temas e no olhar que um escritor ou uma escritora propõe sobre determinados temas, olhar este que está relacionado às posições que a sociedade impôs entre homens e mulheres há vários séculos.

3.2 AS FASES DO FEMINISMO LITERÁRIO

Para entender movimento feminista na literatura, é preciso conhecer as três fases desse movimento, verificando sua trajetória e os avanços e recuos da posição da mulher na literatura.

A Primeira Onda feminista ocorreu no século XIX e prosseguiu até o início do século XX, sendo desenvolvida mais fortemente no Reino Unido e nos Estados Unidos. É marcada pela consolidação da luta por direitos iguais entre homens e mulheres, pelas diferenças contratuais e também pela conquista de propriedades. O fato mais importante dentro dessa fase foi o protesto contra os casamentos arranjados, pois “a mulher sempre foi dada em casamento a certos homens por outros homens” (BEAUVOIR, 1980, p. 166), não possuindo assim a liberdade de escolha dos seus parceiros.

Outra característica dessa fase com relação à igualdade era que elas não tinham seu poder intelectual reconhecido. Segundo Bonnici (2007, p. 219), “as mulheres eram avaliadas conforme as características “inerentes” a seu sexo, ou seja, a ternura, a inocência, o amor ao lar e a submissão”. Dessa forma, a mulher que ousasse cultivar sua inteligência e escolaridade além do espaço doméstico, estaria violando a sua natureza e a tradição religiosa.

Muitas mulheres se tornaram escritoras, porém utilizando pseudônimos masculinos, porque a profissão de escritor era destinada somente aos homens. E mesmo tendo que se esconder, algumas autoras dessa fase ainda escreviam com uma visão masculina, pois suas personagens ainda possuíam as mesmas características da escrita masculina, como por exemplo, a mulher anjo ou demônio, a esposa ou a prostituta, a mulher boa ou a mulher cruel, etc. .

Segundo Bonnici (2007, p. 220) “os romances vitorianos raramente retratavam o real status da mulher e, quando isso acontece, mostram mulheres domesticadas, companheiras educadas dos homens, pessoas-boneca, enfeitadas e submissas”. Suas personagens são mulheres dóceis, sofridas, companheiras, determinadas, mas oscilam, querendo ser independentes, no entanto não se libertam dos padrões sociais masculinos como é no caso da obra *Jane Eyre* (1847) da autora Charlotte Brontë, em que a personagem luta para conseguir sua emancipação, mas ao mesmo tempo se entrega ao casamento, que acaba sendo sua maior recompensa.

Na Segunda Onda, as mulheres não param de lutar por seus direitos e passam a se organizarem cada vez mais. Ganha destaque nessa fase a luta pela igualdade dos sexos. E com a publicação do livro *O Segundo Sexo* de Simone de Beauvoir em 1949, e por muitas outras atividades que reivindicavam a libertação da mulher, essa fase contribuiu para a crítica da existência da mulher enquanto ser que pensa, trabalha e que precisava ter seu espaço no meio profissional.

E é através do ingresso no mundo literário que a mulher consegue propagar suas ideologias, seus sentimentos e percepções. Com isso, a mulher se tornar o tema privilegiado da crítica literária, porque consegue expor suas ideias e experiências, de maneira a querer que as leitoras comecem a ver o universo feminino tal qual ele realmente é. Ou seja, a mulher começa a questionar mais sobre a sua própria cultura de mulher e nesse momento que passa a ler como mulher e não como homem desconstrói sua imagem distorcida nos escritos masculinos, passando a reconhecer sua própria identidade.

Dessa forma, podemos dizer que nesta segunda fase são demonstradas as denúncias contra a figura da mulher. A partir da escrita feminina esses abusos se tornaram vulneráveis diante da forte corrente que se formou em defesa da mulher. Assim, a segunda onda teve como principal característica a quebra dos estereótipos femininos, as críticas de discriminação contra a mulher, pela luta de direitos iguais nos campos profissionais e pela escrita como forma de denúncia contra seu sexo e sua capacidade, como nas obras *A convidada* (1943), de Simone de Beauvoir, *Mrs. Dalloway* (1925) e *O farol* (1927) de Virginia Woolf.

A Terceira Onda tem início nos anos de 1990, nos Estados Unidos. É a fase em que a mulher se sobressai em seus escritos, pois busca a identidade própria e se autodescobre. Também passam a fazer reflexões sobre a sexualidade deixando de lado às denúncias sobre o patriarcalismo e se dedicando mais aos aspectos de igualdade entre sexos, pois acreditam que

podem se igualar ao sexo oposto e usam a escrita como arma para se defender e ao mesmo tempo para atacar a sociedade machista.

Desta forma, nesta última fase a escrita feminina aparece com mais evidência, são escritoras autônomas que não usam mais pseudônimos masculinos em suas obras literárias e apresentam um caráter mais voltado para a mulher, livre dos valores do patriarcalismo. Seus personagens, muitas vezes, representam mulheres que não seguem as regras do sistema patriarcal, são livres e ainda continuam em busca de sua identidade como se exemplifica nas obras de *A câmara sangrenta* (1979) e *Crianças sábias* (1991), de Angela Carter e *A cor púrpura* (1982), de Alice Walker, dentre outras.

Portanto, nesse contexto, o feminismo literário nos abre um leque de conhecimentos sobre as lutas que as mulheres travaram para conquistar seus direitos. No meio literário foi possível obter reconhecimento e liberdade para expor seus ideais. Também é notável que essas três ondas foram importantes para a contribuição da crítica literária feminista, dando oportunidade para a mulher fazer suas críticas com muita autoridade tal qual o homem sempre fez. Nesse aspecto, nota-se a experiência da crítica da mulher enquanto autora e também como leitora, pois alcançar o conhecimento do mundo definido pelas mulheres é não aceitar o mundo criado pelos homens, acreditando sempre que pode ser possível um entendimento entre os sexos.

4. KATE CHOPIN

Katherine O'Flaherty Chopin (1851-1904), nascida nos Estados Unidos é considerada umas das percussoras do feminismo. Conhecida como Kate Chopin, suas obras possuem aspectos contemporâneos a respeito do comportamento feminino na tentativa de se libertar do sistema patriarcal, no qual muitas delas estavam destinadas a viver somente em função dos homens. Kate Chopin fazia com que suas personagens mostrassem seus desejos, suas lutas e a vontade de libertar-se da opressão impostas pelos homens. Prova disso está na maioria de seus contos e romances, que receberam muitas críticas devido às posturas que as personagens apresentavam, como, por exemplo, o romance *The Awakening* (1899), traduzido como "O Despertar", que é uma obra ousada e questionadora dos valores das mulheres. As posturas eróticas das personagens foram repudiadas no patriarcalismo. Seus contos que mais conhecidos e que foram alvos de críticas são *The Story of An Hour* (1894), *A Pair of Silk*

Stockings (1896), *The Storm* (1898), Madame Célestin's Divorce (1893), *Désirée's baby* (1892). (KATE CHOPIN, online, 2012).

E é dentro do aspecto sobre o comportamento e a condição da mulher no âmbito matrimonial que este artigo irá analisar três contos de Kate Chopin, na tentativa de mostrar a experiência de desejos, medos, coragem, de dominação e ao mesmo tempo de libertação da mulher, pois a escritora lida com questões que enfocam o casamento, investigando as relações de gêneros criadas pelos contos, uma vez que o casamento liga o masculino ao feminino, mas que a mulher foi sempre o elemento subjugado às regras impostas por uma sociedade regida pelos homens. O conto *The Storm* (A tempestade), discute o comportamento da mulher numa situação de adultério. *A respectable Woman* (Uma respeitável mulher) vai refletir no anseio da mulher de viver uma aventura fora do casamento e *Madame Célestin's Divorce* (O divórcio de Madame Célestin) fala da submissão de uma mulher que quer se divorciar, mas é julgada pela sociedade. (KATE CHOPIN, online, 2012).

5. ANÁLISE DOS CONTOS

O conto Madame Célestin's Divorce fala de Madame Célestin que é abandonada pelo marido e por causa disso é induzida pelo insistente advogado Paxton a pedir o divórcio. Paxton tenta ajudá-la mais com segundas intenções, pois a quer como esposa. A protagonista, embora resolvida a pedir o divórcio, começa a pedir conselhos a todos que a conhece entre eles o juiz, a mãe e também com o reverendo. Porém, todos são contra a questão do divórcio e, entre conselhos e sermões demonstram que essa é uma atitude errada e que Madame Célestin não poderia fazer, pois isso seria uma vergonha diante da sociedade. Certo de que Madame Céletin vai se divorciar, Paxton é surpreendido com o retorno do marido da protagonista que o aceita de volta, acreditando em seu arrependimento.

Em *A respectable Woman*, Kate Chopin conta a história de Mrs. Baroda, esposa de Gaston, que se sente atraída pelo amigo do marido, Gouvernail. Porém, Mrs. Baroda, em meio às confusões de sentimentos, pois não consegue distinguir o que sente, fica atormentada com a presença de Gouvernail e busca livrar-se de qualquer pensamento que comprometa sua reputação de "mulher respeitável". Ela resolve sair da fazenda para pensar melhor sobre o que estava sentindo. Quando Gouvernail vai embora ela retorna e se sente aliviada. Mas, um dia o marido diz que o amigo voltará no próximo verão. Mrs. Baroda diz que desta vez ela o tratará muito bem.

O conto *The Storm* narra a história de Calixta, uma mulher casada, que durante uma tempestade têm relação sexual com um ex-namorado chamado Alcee. Calixta é mulher de Bobinôt e tem um filho chamado Bibi. Alcee aparece na hora em que começa a tempestade e pede abrigo. Em meio a conversas e lembranças do passado os dois se envolvem sexualmente até que a tempestade acabe. Ambos não se sentem culpados e seguem suas vidas com suas respectivas famílias.

Ao analisar os três contos, notamos como é diferente o comportamento das três personagens, Calixta, Mrs. Baroda e Madame Célestin, referente ao casamento. Cada uma possui uma peculiaridade nas ações praticadas, nos desejos contidos e nos pensamentos que ocultam seus anseios.

O conto *Madame Célestin's Divorce* (O Divórcio de Madame Célestin) se difere dos outros dois contos, porque demonstra a insatisfação de madame Célestin em seu casamento e a luta da mesma para conseguir se divorciar. A narrativa é simples e bem contextualizada, pois envolve várias situações que impedem Madame Célestin de se divorciar de um homem que não a trata bem e que não cuida de seus filhos. Por outro lado, está o advogado Paxton que quer madame Célestin como esposa e com isso a induz a pedir o divórcio, alegando que seu marido não cumpre com o dever de sustentar a família.

Madame Célestin, que ainda está inserida em uma sociedade patriarcal, desconhece os seus direitos com relação ao divórcio, uma vez que quase todas as mulheres dessa época não tinha conhecimento da lei e com isso ela busca conselhos de amigos e familiares e até mesmo de um bispo para saber o que fazer. Nessa perspectiva, nos deparamos com uma mulher submissa, que precisa se certificar se o que pretende fazer é correto ou não. Ela ainda não consegue tomar decisões sem que a presença de outra pessoa lhe influencie.

A protagonista busca se aconselhar e com isso conseguir sua liberdade. Primeiro, ela começa no espaço familiar onde procura o consentimento de seus parentes e amigos para a vontade de se separar do marido. Mas se depara com o conselho da mãe reprovando o divórcio: "Mamam says it´s a disgrace like's neva been in Family" (CHOPIN, online, 2012). E como em toda sociedade patriarcal, esse pensamento é institucionalizado, porque uma mulher divorciada seria uma mancha social, e no pensamento de sua mãe, era preferível ver a filha sofrendo ao lado de um homem que lhe trata mal a vê-la viver estigmatizada socialmente com o título de divorciada.

Mas, ao que parece, Madame Célestin não se importa muito com o que a mãe diz e segue firme na sua decisão e diz para o advogado que vai procurar seu confessor a pedido da

mãe e deixa evidente que é só para agradá-la, pois ela já está decidida a se divorciar e Paxton a incita mais ainda: "[...] "Certainly to be sure; that's to be expected, madame, in this community of Creoles." I warned you that you would meet with opposition, and would have to face it and brave it." (CHOPIN, online, 2012).

Em seguida, a protagonista procura apoio no âmbito religioso, tendo como conselheiro seu confessor, o padre. Este, eximindo-se do problema, prefere não opinar na decisão de madame Célestin, mas lhe dá um grande sermão sobre o assunto. "Oh, fo' that, a perfec' sermon, I assho you. A talk of giving scandal an' bad example that I thought would neva en'! He says, fo' him, he wash' his hands." (CHOPIN, online, 2012)

O confessor de madame Célestin não se envolve, mas dá a entender que também é contra o divórcio e que mais uma vez é preferível ver uma mulher sofrendo na companhia de um marido a vê-la divorciada. Seguindo sua busca por mais conselho, madame Célestin chega até o Bispo e também não encontra apoio para sua decisão e outra vez ouve um sermão a respeito das consequências que um divórcio pode trazer e o que acontece com uma mulher divorciada. E o Bispo ainda diz que isto era uma tentação e que implicaria em uma morte social.

> It's not a mo' eloquent man in Natchitoches parish. I was fo'ced to cry, the way he talked to me about my troubles; how he undastan's them, an' feels for me. It would move even you, Judge, to hear how he talk' about that step I want to take; its danga, its temptation. How it is the duty of a Catholic to stan' everything till the las' extreme. An' that life of retirement an' self-denial I would have to lead, - he told me all that. (CHOPIN,online,2012)

Nesse sentido, a protagonista não consegue obter consentimento de ninguém que ela conhece, todos são contra seu divórcio, exceto o advogado Paxton que a cada conversa tenta descobrir se ela já desistiu do divórcio e toda vez que ela diz que não, ele se sente mais seguro de que conseguirá convencê-la e assim obtê-la como esposa. ""You won't let the bishop dissuade you, I trust," stammered the lawyer more anxiously than he could well understand". (CHOPIN, online, 2012).

Paxton procurava sempre saber sobre o que as pessoas com quem Madame Célestin conversava haviam dito para ela. E acabava por perceber que ela não mudava de ideia, que estava convicta do que queria e tinha certeza que iria se divorciar e, começou a andar bem vestido e a sonhar com Madame Célestin como sua esposa.

> A noticeable change had come over lawyer Paxton. He discarded his work-day coat and began to wear his Sunday one to the office. He grew solicitous as to the shine of

> his boots, his collar, and the set of his tie. He brushed and trimmed his whiskers with a care that had not before been apparent. (CHOPIN,online,2012)

Todas essas mudanças na aparência de Paxton parecem significar que ele já estivesse pronto para quando Madame Célestin se separasse. Porque ele tinha convicção que isso aconteceria, pois a cada indagação sobre as conversas que a mesma tinha na busca de aconselhamento, ele percebia que ela continuava decidida a se divorciar. Nessa circunstância, ele passa a imaginar sua vida ao lado de Madame Célestin.

> It would be very good to take unto himself a wife, he dreamed. And he could dream of no other than pretty Madame Célestin filling that sweet and sacred office as she filled his thoughts, now. Old Natchitoches would not hold them comfortably, perhaps; but the world was surely wide enough to live in, outside of Natchitoches town. (CHOPIN,online,2012).

Porém, não é o que acontece. Paxton, certa manhã ao se aproximar da casa de Madame Célestin, sentia que "His heart beat in a strangely irregular" (CHOPIN, online, 2012) e diante da fala dela foi surpreendido com a volta do marido de madame Célestin e por causa disso ela desiste do divórcio. O marido promete que vai mudar e que vai dar mais atenção a ela e aos filhos e dessa forma ela se rende ao seu pedido.

> Ah, it's you, Judge? Good-morning." He waited. She seemed to be doing the same. Then she ventured, with some hesitancy, "You know, Judge, about that divo'ce. I been thinking, - I reckon you betta neva mine about that divo'ce." She was making deep rings in the palm of her gloved hand with the end of the broom-handle, and looking at them critically. Her face seemed to the lawyer to be unusually rosy; but maybe it was only the reflection of the pink bow at the throat. "Yes, I reckon you need n' mine. You see, Judge, Célestin came home las' night. An' he's promise me on his word an' honor he's going to turn ova a new leaf. (CHOPIN, online, 2012).

Nessa situação, concluímos que mesmo se enchendo de coragem para enfrentar a todos que se opunham à sua decisão sobre se divorciar e de se livrar de um casamento infeliz, não consegue enfrentar o próprio marido e continua sua vida de esposa submissa. Enfim, esse conto mostra-nos que nunca foi fácil para uma mulher conseguir um divórcio, pois ia contra as regras de uma sociedade que julgava esse tipo de atitude como um mal sem cura e que a imagem da mulher poderia ficar manchada para sempre. É um típico caso da moral puritana, em que o casamento arruinado sobrevivia mantendo as aparências.

No conto *A Respectable Woman* (Uma Mulher Respeitável), temos a personagem Mrs. Baroda, que é casada e vive bem em seu casamento com o marido Gaston. Possui como característica principal o papel da boa esposa tendo em mente que é uma mulher muito respeitável. Porém, o seu comportamento como uma mulher respeitável fica ameaçado com a

chegada do amigo de seu marido Gouvernail, que mesmo antes de ir passar uns dias na fazenda, já começava a perturbar os pensamentos de Mrs. Baroda.

> This was a man she had heard much of but never seen. He had been her husband's college friend; was now a journalist, and in no sense a society man or "a man about town," which were, perhaps, some of the reasons she had never met him. But she had unconsciously formed an image of him in her mind. She pictured him tall, slim, cynical; with eye-glasses, and his hands in his pockets; and she did not like him. Gouvernail was slim enough, but he wasn't very tall nor very cynical; neither did he wear eyeglasses nor carry his hands in his pockets. And she rather liked him when he first presented himself. (CHOPIN, online, 2012).

Percebe-se, então, que Mrs. Baroda julgava mal Gouvernail mesmo antes de conhecê-lo e por isso dizia não gostar dele. Nessa expectativa surgiam dentro dela indagações que a perturbavam pelo fato de que se não o conhecia, como poderia não gostar dele? E não compreende o porquê ao conhecê-lo, começa a gostar dele, como vemos:

> But why she liked him she could not explain satisfactorily to herself when she partly attempted to do so. She could discover in him none of those brilliant and promising traits which Gaston, her husband, had often assured her that he possessed. On the contrary, he sat rather mute and receptive before her chatty eagerness to make him feel at home and in face of Gaston's frank and wordy hospitality. His manner was as courteous toward her as the most exacting woman could require; but he made no direct appeal to her approval or even esteem. (CHOPIN, online, 2012)

Nesse embate, Mrs. Baroda passa a entrar em conflito consigo mesma e não consegue distinguir o que está sentindo por Gouvernail. Ela não consegue entender seus próprios sentimentos e cada vez que busca entendê-los se confunde ainda mais por não conseguir defini-los, ou seja, Mrs. Baroda não acha uma explicação para essa situação e age de forma desconcertante diante do convidado, pois ao tentar agradá-lo, ela se depara com a indiferença do mesmo que se mantém apenas cordial a ela. É o comportamento de Gouvernail que intriga Mrs. Baroda, porque ele é um homem que não demonstra qualquer atitude de apreço pelo que ela faz ou fala, deixando transparecer apenas a cordialidade de um homem educado.

Mas, ao que parece, Mrs. Baroda se incomoda com essa atitude de Gouvernail e dá a entender que ela queria que ele mostrasse algum interesse. Talvez, fosse mais fácil se ele demonstrasse algum interesse por ela, do que ela por ele, porque para uma mulher casada como ela, demonstrar algum interesse por outro homem era um ato reprovável diante da sociedade.

Com isso, Mrs. Baroda, vendo que Gouvernail em nada se manifestava para falar com ela, passa a ignorá-lo e começa a dizer para si mesma que a culpa de estar com os

sentimentos confusos é toda dele. Assim, os dias se passam e Gouvernail continuava se deliciando com a fazenda. Não praticava nenhuma atividade como caçar e pescar, apenas ficava descansando e contemplando a beleza natural da fazenda. Isso deixava Mrs. Baroda intrigada, pois ela não entendia o comportamento e a personalidade de Gouvernail.

> Gouvernail's personality puzzled Mrs. Baroda, but she liked him. Indeed, he was a lovable, inoffensive fellow. After a few days, when she could understand him no better than at first, she gave over being puzzled and remained piqued. In this mood she left her husband and her guest, for the most part, alone together. Then finding that Gouvernail took no manner of exception to her action, she imposed her society upon him, accompanying him in his idle strolls to the mill and walks along the batture. She persistently sought to penetrate the reserve in which he had unconsciously enveloped himself. (CHOPIN, online, 2012)

E ela queria ao menos saber se o que fazia para que Gouvernail se sentisse confortável estava de fato lhe agradando, mas nem isso ele dizia e Mrs. Baroda se incomodava ainda mais. Um dia ela pergunta ao marido:

> When is he going--your friend? she one day asked her husband. "For my part, he tires me frightfully."
> "Not for a week yet, dear. I can't understand; he gives you no trouble."
> "No. I should like him better if he did; if he were more like others, and I had to plan somewhat for his comfort and enjoyment.(CHOPIN, online, 2012).

Esse incômodo de Mrs. Baroda é, para os leitores, um sinal de que ela sente algo por Gouvernail, mas que não aceita o que está sentindo. Talvez nessa confusão de sentimentos, em que ela diz não saber o que sente, esteja implícito um desejo sexual pelo amigo do marido. Porém, ela não quer admitir essa dedução, pois "o quinhão da mulher é a obediência e o respeito. Ela não tem domínio, nem sequer em pensamento, sobre essa realidade que a cerca". (BEAUVOIR, 1980, p. 364). Era essa situação que a mulher do século XVIII vivia. Não podia manifestar seus sentimentos, não podia sentir desejos sexuais, não podia praticar sexo fora do casamento, não podia viver suas fantasias, enfim, a mulher não possuía uma vivência própria e somente vivia para os outros. E se ousasse ir contra o que lhe era imposto, sofria muitas punições.

E Mrs. Baroda sabia que não podia viver esse sentimento que lhe estava atormentando. Ela tenta fugir, mas não consegue. Até que em uma noite ela e Gouvernail a sós conversam e finalmente ela percebe o que realmente sente por ele.

> [...] Her mind only vaguely grasped what he was saying. Her physical being was for the moment predominant. She was not thinking of his words, only drinking in the tones of his voice. She wanted to reach out her hand in the darkness and touch him with the sensitive tips of her fingers upon the face or the lips. She wanted to draw

> close to him and whisper against his cheek--she did not care what--as she might have done if she had not been a respectable woman.(CHOPIN, online, 2012)

A citação acima nos revela agora que Mrs. Baroda compreendeu seus sentimentos e descobriu o que estava sentido por Gouvernail, mas novamente a sua mentalidade de que era uma mulher respeitável não deixou que ela expusesse o seu desejo. Porém, ela conseguiu ver que Gouvernail era um homem interessante e que despertou nela algo diferente quanto ao que sentia por seu marido. Talvez estivesse sentindo uma atração sexual por Gouvernail, algo não dito de forma óbvia, mas o leitor pode subentender. Mrs. Baroda pensa em contar para seu marido, mas decide por não fazê-lo, pois precisava enfrentar a situação sozinha, como ela mesma diz: “Beside being a respectable woman she was a very sensible one; and she knew there are some battles in life which a human being must fight alone” (CHOPIN, online, 2012). Mrs. Baroda se afasta da fazenda até que Gouvernail vá embora. Quando ela retorna, fala para o marido que da próxima vez ela o tratará muito bem.

Percebemos, então, que foi preciso que Mrs. Baroda se afastasse para pôr seus sentimentos e ideias em ordem. É como se ela quisesse se afastar para refletir melhor no que poderia fazer, mesmo sendo uma mulher respeitável, para satisfazer seu desejo por Gouvernail. E dessa forma fica subtendido que ela retorna decidida a querer Gouvernail em sua vida, não apenas como hóspede, mas com seu amante.

> However, before the year ended, she proposed, wholly from herself, to have Gouvernail visit them again. Her husband was surprised and delighted with the suggestion coming from her.
> "I am glad, chere amie, to know that you have finally overcome your dislike for him; truly he did not deserve it."
> "Oh," she told him, laughingly, after pressing a long, tender kiss upon his lips, "I have overcome everything! You will see. This time I shall be very nice to him." (CHOPIN, online, 2012)

Portanto, fica implícito o pensamento de Mrs. Baroda com relação ao que ela vai fazer para agradar Gouvernail da próxima vez que ele for visitar sua fazenda. Mas, subtende-se que a protagonista, depois que retorna para a fazenda, possui um comportamento diferente do que tinha antes. Parece estar mais confiante em si mesma e a maneira como se dirige ao seu marido a respeito da possível volta do amigo denota uma posição mais objetiva do que pretende fazer, ou seja, ela vai viver sua fantasia e satisfazer seu desejo de se relacionar com outro homem. Podemos dizer que ela agirá por si e não pelos outros, diferente do que pregavam as regras impostas pelo patriarcalismo, em que a mulher deixava de viver sua vida

para viver a vida do outro e sendo assim, o comportamento de Mrs. Baroda nos dá uma visão de que as regras patriarcais aos poucos começam a serem quebradas.

Calixta, a personagem de *The Storm*, (A tempestade), é uma mulher feliz. É boa mãe, boa esposa e uma dona de casa dedicada. É uma personagem que possui características da mulher do sistema patriarcal do século XVIII, em que o comportamento feminino era exclusivo para a família, mas também apresenta o comportamento da mulher do século XIX, dando indícios da liberdade feminina no que diz respeito à sexualidade. Isso ocorre quando ela se depara com Alcee, um ex-namorado, que há cinco anos não vê e de repente ela se deixa envolver sexualmente com ele despertando um desejo que há muito tempo ficou oculto.

É uma personagem que apresenta uma grande complexidade porque não apresenta indícios de insatisfação no casamento, ou seja, não se apresenta como uma mulher insatisfeita com a vida conjugal, pelo contrário, ela é feliz, está preocupada com o filho e o marido durante a tempestade.

> “lf this keeps up, Dieu sait if the levees goin' to stan it!" she exclaimed.
> "What have you got to do with the levees?"
> "I got enough to do! An' there's Bobinôt with Bibi out in that storm -- if he only didn' left Friedheimer's!" (CHOPIN, 1898)

Nesse momento, Alcee tenta tranquilizá-la, "Let us hope, Calixta, that Bobinôt's got sense enough to come in out of a cyclone." (CHOPIN, online, 2012). Em seguida o barulho de um trovão e a queda de um raio que partiu uma árvore deixam Calixta assustada e com um grito que deu a fez cair nos braços de Alcée que a ampara e, entre olhares ambos ficam inertes àquele momento: “Alcée clasped her shoulders and looked into her face. The contact of her warm, palpitating body when he had unthinkingly drawn her into his arms, had aroused all the old-time infatuation and desire for her flesh.(CHOPIN, online, 2012).

Nesse momento, notamos que Calixta também se sente atraída, pois Alcee veio acompanhado por uma torrente de lembranças do namoro que tivera com ela, mas que na época desse namoro essa atração não podia ir além dos abraços e beijos intensos, como é relatado no conto. E lembrou-se do dia em que ambos quase se deixaram levar pelo desejo:

> Do you remember -- in Assumption, Calixta?" he asked in a low voice broken by passion. Oh! she remembered; for in Assumption he had kissed her and kissed and kissed her; until his senses would well night fail, and to save her he would resort to a desperate flight. If she was not an immaculate dove in those days, she was still inviolate; a passionate creature whose very defenselessness had made her defense, against which his honor forbade him to prevail. Now -- well, now -- her lips seemed in a manner free to be tasted, as well as her round, white throat and her whiter breasts. (CHOPIN, online, 2012)

Ou seja, Alcee e Calixta quase se entregaram ao desejo sexual que lhes envolvia naquele momento, porém, ele sabia que não podia consumar o ato pelo fato de Calixta ser ainda virgem, pois nessa época a mulher que praticasse sexo antes do casamento era considerada prostituta e Alcee não queria que Calixta fosse apontada pela sociedade como uma prostituta.

Mas, no momento desse reencontro, tudo muda. Calixta não se sente impossibilitada de ter uma relação sexual com Alcee. E nem Alcee se preocupa com que pode acontecer com ela, pois ele mesmo diz que "Now -- well, now -- her lips seemed in a manner free to be tasted, as well as her round, white throat and her whiter breasts"(CHOPIN, online, 2012). Ou seja, os dois não viam nenhum impedimento para consumar o ato sexual. E simplesmente se entregaram aos anseios que seus corpos pediam.

> They did not heed the crashing torrents, and the roar of the elements made her laugh as she lay in his arms. She was a revelation in that dim, mysterious chamber; as white as the couch she lay upon. Her firm, elastic flesh that was knowing for the first time its birthright, was like a creamy lily that the sun invites to contribute its breath and perfume to the undying life of the world.(CHOPIN, online, 2012)

Essa citação reflete na liberdade que os dois estavam tendo para se completarem sexualmente. Toda a comparação feita é uma analogia aos sentimentos e prazer que ambos estavam sentindo naquele momento de entrega. Então, Calixta e Alcee sucumbem ao sexo de forma intensa, ficando subtendido que era algo que não tinham experimentado antes, mostrando o prazer sexual num êxtase total de uma relação que durou o tempo de uma tempestade.

> The generous abundance of her passion, without guile or trickery, was like a white flame which penetrated and found response in depths of his own sensuous nature that had never yet been reached.
> When he touched her breasts they gave themselves up in quivering ecstasy, inviting his lips. Her mouth was a fountain of delight. And when he possessed her, they seemed to swoon together at the very borderland of lifes mystery.(CHOPIN, online, 2012)

Percebemos então, que os dois ao se entregarem se deixam levar pelo mais intenso prazer. E em meio ao cansaço, querem adormecer juntos, mas não podem ceder a essa vontade, pois precisam seguir seus caminhos.

> He stayed cushioned upon her, breathless, dazed, enervated, with his heart beating like a hammer upon her. With one hand she clasped his head, her lips lightly touching his forehead. The other hand stroked with a soothing rhythm his muscular shoulders.

> The growl of the thunder was distant and passing away. The rain beat softly upon the shingles, inviting them to drowsiness and sleep. But they dared not yield. (CHOPIN, online, 2012)

É notável como Calixta e Alcee se rendem ao sexo de forma prazerosa sem se importarem com nada. Simplesmente aproveitam o momento e se deixam levar pela vontade de praticar o que há muito tempo esteve oculto no íntimo de cada um, que era o desejo sexual, vindo a despertar num reencontro, digamos assim, oportuno.

> The rain was over; and the sun was turning the glistening green world into a palace of gems. Calixta, on the gallery, watched Alcée ride away. He turned and smiled at her with a beaming face; and she lifted her pretty chin in the air and laughed.(CHOPIN, online, 2012).

Calixta observa Alcee indo embora com ar de muita felicidade e ela por sua vez está radiante de alegria: "Calixta, on the gallery, watched Alcée ride away. He turned and smiled at her with a beaming face; and she lifted her pretty chin in the air and laughed aloud." (CHOPIN, online, 2012).

Somente eles sabem o que aconteceu. Tudo volta ao normal. Calixta se prepara para fazer o jantar para seu filho e seu marido que ao chegarem a casa são bem recebidos pela mesma. Alcee escreve para a esposa para que esta não tenha pressa de voltar.

> Alcée Laballière wrote to his wife, Clarisse, that night. It was a loving letter, full of tender solicitude. He told her not to hurry back, but if she and the babies liked it at Biloxi, to stay a month longer. He was getting on nicely; and though he missed them, he was willing to bear the separation a while longer—realizing that their health and pleasure were the first things to be considered. (CHOPIN, online, 2012)

Contextualizando o comportamento de Calixta com o comportamento das mulheres de sua época, podemos dizer que ela é uma personagem diferente daquelas que eram submissas ao sexo que era praticado apenas com seus maridos, pois ela quebra essa regra ao se envolver sexualmente com seu ex- namorado. Talvez, ela não quisesse trair seu marido, mas quisesse ceder ao próprio desejo sexual de se entregar a outro homem. Ela quis seguir sua vontade assim como aos homens isto era permitido.

Nessa perspectiva, ela age com o mesmo comportamento do homem, mas que aos olhos da sociedade ainda é um ato reprovável, pois segundo alguns estudiosos, esse é o comportamento natural do homem, porque o mesmo não carrega o status de que precisa ser fiel. Como diz Perrot: "sem dúvida, é aqui que a desigualdade entre homens e mulheres é mais marcada. [...] o mais grave é a infidelidade conjugal da mulher. [...] o adultério feminino

é o mal absoluto". (2004, p. 256-257). Em suma, dentro da concepção machista a mulher não pode se comparar ao homem em termos de infidelidade, pois estará sempre marcada pela mancha do adultério cometido.

Porém, neste conto, a personagem feminina está numa posição social igual a do homem, pois ela age como se nada tivesse acontecido. Quando seu marido chega a casa, ela o trata do mesmo jeito, continua feliz, se mostra preocupada com seu filho quando pergunta se está bem:

> "Oh, Bobinôt! You back! My! but I was uneasy. W'ere you been during the rain? An' Bibi? he ain't wet? he ain't hurt?" She had clasped Bibi and was kissing him effusively. Bobinôt's explanations and apologies which he had been composing all along the way, died on his lips as Calixta felt him to see if he were dry, and seemed to express nothing but satisfaction at their safe return.(CHOPIN, online, 2012)

Enfim, Calixta está contente e continua sendo a mãe dedicada e a esposa amorosa. Seus sentimentos não sofreram transformações com relação a Alcee, que também era casado e que somente no final do conto demonstra seus sentimentos pela esposa que está longe, tratando-a de forma delicada e romântica, permitindo que se demore o quanto quiser no local onde está. "So the storm passed and every one was happy" (CHOPIN, online, 2012).

6. COMPARANDO OS CONTOS

Temos três contos com três personagens distintas em seus comportamentos de esposas. Pode-se dizer que Madame Célestin e Mrs. Baroda, se pudéssemos "encaixá-las" em um momento do feminismo, estariam na Primeira Onda do feminismo, pois se encaixam ao perfil das mulheres do sistema patriarcal do século XIX. Mesmo que algumas escritoras ainda criassem suas obras sob o poder do sistema patriarcal, suas personagens começavam a demonstrar que queriam se libertar do preconceito que envolvia o seu sexo. A mulher começa a dar sinais de que um dia poderia se igualar ao homem e muitas se arriscaram para que isso viesse acontecer, como é o caso da personagem Calixta, de *The Storm*, que possui características da mulher da Segunda Onda em transição com a terceira, que quebra a regra da sociedade patriarcal, em que a prática sexual para a mulher casada era permitida somente com o seu marido.

Enfim, se analisarmos essas personagens em uma ordem cronológica, temos Madame Célestin representando a mulher do século XIX, que mesmo lutando para conseguir seu direito de se divorciar e até mesmo tendo a lei a seu lado, ainda se submeteu a ouvir os

conselhos dos homens dizendo o que era correto fazer e voltando atrás em sua decisão quando seu marido diz que vai mudar. É uma personagem que segue a regra patriarcal, que vive à margem do homem até no próprio nome que usa, porque "Célestin" é o nome do seu marido e não o dela. Com isso, Madame Célestin, oscila entre querer se libertar e manter seu casamento mesmo na aparência, porque ela não era feliz, mas no fim permanece submissa.

Em seguida temos Mrs. Baroda, que também é conhecida apenas pelo nome do marido, ficando oculta sua identidade, o que a caracteriza como uma mulher que possui comportamentos típicos dos esperados pelo sistema patriarcal, mas que começa a mostrar sinais da liberdade sexual, característica esta que demonstra o caminho que a mulher começa a percorrer para se sentir mais livre e conseguir satisfazer seus próprios desejos. Ela não trai seu marido por não achar correto e mesmo sentindo desejo por outro não cede aos anseios de seus sentimentos, ela ainda está presa a uma concepção de que a mulher foi criada para casar e viver inteiramente à visa de seu marido. Mrs. Baroda representa a fase de transição do comportamento da mulher do século XIX para o século XX, em que começam a aparecer as reivindicações sobre a liberdade sexual.

Por último, aparece Calixta, representando um pouco da mulher do século XX, seguindo para a mulher moderna, aquela que luta pela igualdade dos sexos, que segue seus sentimentos, concretiza seus desejos sem se importar com o julgamento da sociedade, embora ainda possua as características do patriarcalismo, ela não se submete totalmente às suas regras. Age às escondidas, porque ainda tem medo, porém não sente culpa, se satisfaz sexualmente sentindo que pode ter uma liberdade sexual sem se importar com o que pode acontecer.

7. CONCLUSÃO

De início, este artigo apresentou algumas teorias do estudo sobre a história da mulher e o seu papel de esposa, falou sobre o movimento feminista e também sobre a crítica literária feminista que expôs a complexidade do ingresso da mulher no mundo das artes. Em seguida, foi feita a análise de três contos da autora Kate Chopin, *Madame Célestin's Divorce, A respectable Woman* e *The Storm*, destacando o comportamento da mulher como esposa dentro de um sistema patriarcal, mostrando, assim, aspectos marcantes da luta da mulher em busca de direitos iguais aos dos homens.

Das leituras feitas pôde-se verificar que a posição da mulher durante vários séculos foi de ser sempre submissa ao homem, apesar de que nos primórdios ela tinha certa participação na família e também na sociedade. Entretanto, a mulher foi perdendo a pouca posição de centro e permaneceu por muitos séculos à margem da sociedade no que diz respeito aos direitos em relação aos homens. Ou seja, viveu em épocas onde somente o homem tomava as decisões, o que ocasionou muitos sofrimentos nas relações culturais, sociais e também religiosas. Nesse aspecto, observou-se que a mulher na esfera patriarcal era submissa e inferiorizada por sua fragilidade e condição fisiológica. Era criada para obedecer, aprender ofícios domésticos e por fim, ser uma esposa dedicada ao marido e a sua casa.

No conto *Madame Célestin*, temos uma personagem ainda submissa, porque ela não consegue tomar a decisão de se divorciar sem antes ter se aconselhado com todos que conhece. No decorrer da narrativa a expectativa do leitor é muito grande, pois a personagem dá a entender que vai se divorciar, mesmo depois de ter ouvido a opinião negativa de todos que a cercavam a respeito do divórcio. Porém, a ironia do conto está exatamente nesse ponto, porque ela passa a imagem de uma mulher decidida, que vai realmente se divorciar. No entanto, ela decide por não fazê-lo. E por fim, aceita seu marido de volta. A submissão da mulher nesse conto prevalece, o que nos leva a concluir que a mulher ainda não estava segura daquilo que queria.

Mrs. Baroda, embora feliz com seu casamento, deseja o amigo do marido e não consegue satisfazer sua vontade por ser uma mulher “muito respeitável”, ou seja, prende-se às amarras sociais do mundo patriarcal. Porém, ao fim da narrativa, ela deixa implícito que em outro momento ela cederá ao desejo de envolver-se sexualmente com o amigo do marido, mostrando-nos que está pronta para fugir das amarras sociais.

Com relação à personagem Calixta, o conto explicita mais o desejo da mulher e sua realização, não havendo punição para o ato do adultério que a personagem comete. O que a narrativa procura mostrar é que a mulher, em certas situações, se comporta como o homem e não se importa com o que a sociedade pensa. Assim, Calixta não hesita em fazer o que quer, apenas segue sua vontade.

Sendo assim, temos nos dois primeiros contos a declaração da insatisfação da mulher quanto à sua posição na sociedade patriarcal, pois descreve como a mulher vivia subjacente às estratégias utilizadas pelos homens de mantê-las sempre reclusas no ambiente doméstico. Porém, o último conto nos mostra que há muitas mulheres com coragem suficiente para se libertarem e muitas outras empenhadas em fazer deste mundo um lugar mais igualitário.

Portanto, ressaltamos que as perspectivas da mulher para obter a liberdade continuam presentes na sociedade e, ainda hoje, a luta para desnudar o processo de dominação masculina continua, no sentido de desvencilhar o estereótipo da mulher submissa, excluída e dependente, materializando, assim, um relacionamento justo entre ambos os sexos. Nesse sentido, na literatura, a representação da mulher foi importante para mostrar o real papel da mulher na sociedade, mostrando que ela nunca foi um ser mudo, mas sim escondido pela figura masculina. A literatura foi uma forma de liberdade para a mulher, na qual ela expressa a sua indignação e busca se libertar dos estereótipos recebidos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVELAR, Bianca. **Surgimento e Evolução do Direito á Intimidade no Contexto Histórico**, 2003. Disponível em: <http www. portaldafamília.org/artigos/> acesso em Jan 2013.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**: a experiência vivida Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIBLIA SAGRADA. 163. Ed. São Paulo: **Ave Maria,** 2005.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista:** conceitos e tendências. \Maringá: Eduem, 2007.

CHOPIN, Kate. **A respectable woman.** Disponível em **<w**ww.pbs.org./katechopin/library/respectablewoman.html.acesso> 29 de Abril 2012.

_____. **Madame Celestin´s Divorce.** Disponível em **<w**ww.pbs.org./katechopin/library-madame.html> acesso em 29 Abr 2012.

_____.. **The Storm.** Disponível em

<www.pbs.org.katechopin/library-storm.html> acesso em 29 Abr. 2012.

FEREIRA,Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989.**Miniaurélio Século XXI Escolar:** O minidicinário da Língua portuguesa/Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; lexicografia, Margarida dos Anjos..[et al]. 4 ed. Ver. Ampliada- Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FIUZA, Bruno. **Homem e Mulher:** 2000 anos de amor e poder. História Viva. Ano VII nº 93. p. 26 – 33. ed. redacaohistoriaviva@duettoeditorial.com.br – [s.d.].

KATE CHOPIN BIOGRAPHY. Disponível em <http://www.katechopin.org/biography.shtml> acesso em 29 Abr 2012.

MICHEL, Andrée. **O feminismo.** Uma abordagem histórica. Tradução de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

PERROT, Michelle e FUGIER, Anne Martin. **Os Atores**. in Michelle Perrot. HISTÓRIA DA VIDA PRIVADA 4. Tradução Denise Bottmann Bernado Joffely. – São Paulo. Companhia de Letras, 2004.

WOOLF, Virginia. **Profissões para Mulheres e outros artigos Feministas.** Tradução de Denise Bottmann – Porto Alegre: L&PM, 2012.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) **Teoria literiária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003a. p. 161-183.

ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. (orgs.) **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. Maringá: Eduem, 2003b. p. 253-261.